

Memórias e impactos da enchente de 1974: por uma abordagem espaço-temporal dos desastres¹

Viviane Kraieski de Assunção (UNESC/Santa Catarina)

Palavras-chave: desastre, enchente, memória

Introdução

A enchente de 1974 marcou a história do município de Tubarão, localizado no sul do estado de Santa Catarina, e a de seus moradores. Segundo dados oficiais, a enchente causou a morte de 199 pessoas e desalojou 60 mil dos 70 mil habitantes da cidade na época. Esse número de mortos, no entanto, é contestado. A imprensa noticiara, durante e logo após o fenômeno, que a estimativa do número de mortos chegaria aos milhares. Relatos de moradores afirmam ainda hoje a existência de valas comuns para enterrar corpos e o grande número de desaparecidos, o que não é confirmado por documentações oficiais. O prefeito do município na época está atualmente escrevendo um livro sobre a memória sobre a enchente. Em conversa informal, ele afirmou que houve apenas uma vala comum, cuja existência foi registrada em fotografias e divulgada na imprensa, e que nela foram enterrados dezessete corpos. De acordo com o ex-prefeito, o número de mortes causado pela enchente não seria superior a esse número.

A memória da enchente está presente no relato de moradores do município (inclusive daqueles que não a vivenciaram) e nos monumentos de homenagens às vítimas e aos que realizaram doações para os desalojados ou desabrigados. Em 2009, foi aprovada no município a lei nº 3.289, que instituiu o dia 24 de março como o Dia Municipal de Memória da Catástrofe de 1974, e intensificação da mobilização da cidade para a prevenção. No ano de 2014, quarenta anos após a enchente, foram realizados ainda seminários e exposições, rememorando o desastre.

Este trabalho toma como ponto de partida que o desastre constitui “um acontecimento não rotineiro que provoca uma disrupção social, cujo seu grau de

¹ Trabalho apresentado na 30ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 03 e 06 de agosto de 2016, João Pessoa/PB.

impacto reflete em grande parte, o tipo e o grau de preparação de uma determinada comunidade para lidar com os riscos naturais e tecnológicos” (RIBEIRO, 1995).

Deste modo, mais do que um fenômeno natural, os desastres devem ser definidos por meio da associação de uma série de fatores (JENA, 2004; QUARANTELLI, 1981), incluindo sua articulação com aspectos socioculturais (QUARANTELLI, 1998). Se, por um lado, os desastres provocam a uma ruptura abrupta das atividades cotidianas, levando os sujeitos a questionarem as formas como dão sentido ao mundo (CONFALONIERI, 2003), por outro, podem também originar a busca por estratégias de autoproteção de indivíduos e grupos, construídas tendo como base valores altruístas (THORNGURB et al., 2005).

Neste trabalho, a enchente é compreendida parte do imaginário social dos moradores, que participa da construção e organização da memória coletiva do município (HALBWACHS, 1990). A enchente de 1974 é definida ainda como um evento crítico, seguindo as concepções de Veena Das (1995), por impactar a forma como os sujeitos entendem e concebem o mundo, suas formas de subjetivação, e, mais especificamente, por alterar seus modos de significação do espaço. Neste sentido, argumenta-se que a sobre a enchente é importante para compreender a reconfiguração socioespacial do município.

A primeira etapa da pesquisa foi centrada na localidade do Morro da Caixa, por meio da realização de uma etnografia e da realização de entrevistas em profundidade, que buscaram acessar a memória dos moradores sobre a enchente e as mudanças que ocorreram na localidade desde então. Antes da enchente, o Morro da Caixa era conhecido como local de moradia de “pobres e negros”. Temendo novas inundações, indivíduos de camadas médias e altas passaram a habitar a localidade, o que ocasionou um encontro entre indivíduos de camadas sociais distintas. A presença destes moradores levou a mudanças nas representações da localidade, além do estabelecimento de relações de conflito entre moradores de diferentes classes sociais. A investigação também apontou que a percepção de risco de novos desastres está atrelada a um processo de gentrificação da localidade, que, de acordo com Smith (2007), produz paisagens urbanas voltadas para o consumo de indivíduos de maior capital econômico.

Deste modo, compreende-se que a análise espaço-temporal de um desastre – entendido não apenas a partir de seus condicionantes naturais, mas entrelaçado ao contexto sociocultural – permite a compreensão do aspecto processual do fenômeno e da complexidade de seus impactos.

Memória como Percurso Metodológico

Este trabalho baseia-se em pesquisa etnográfica realizada em dois momentos distintos. O primeiro, no ano de 2006, durante a realização de trabalho de campo com moradores do Morro da Caixa. Durante a realização da etnografia, foram evidenciadas as tensões entre moradores provenientes de classes sociais distintas, e havia relatos sobre a mudança do perfil socioeconômico dos moradores da localidade após a enchente de 1974. Durante o segundo momento da pesquisa, no ano de 2014, foram realizadas entrevistas em profundidade com moradores mais antigos do Morro da Caixa que vivenciaram a enchente no município, com o objetivo de compreender suas vivências durante a enchente de 1974, e atentar para a possível mudança na ocupação do morro após a inundação. As idades destes moradores mais antigos variam de 52 a 84 anos. Também foram ouvidos moradores que se mudaram para o Morro após a enchente de 1974, totalizando 21 entrevistas em profundidade.

Estas entrevistas permitiram uma análise da reconfiguração socioespacial do bairro após a enchente de 1974. Não se trata de ser fiel a datas nem de estabelecer uma linha histórica – esta construção baseia-se na *memória*, e também nos esquecimentos, dos interlocutores da pesquisa. A memória é aqui considerada, concomitantemente, de forma individual e coletiva (HALBWACHS, 1990), e não constitui apenas uma lembrança, mas também uma espécie de ação, que pode ter caráter transformador na vida dos indivíduos (BOSI, 1979). A memória elabora aquilo que foi vivido, mas também participa da construção do presente e do futuro. Nas palavras de Ellen Woortmann, “a memória opera no sentido de “trabalhar” o passado para forjar o presente e construir o futuro, e isto pode ser feito tanto pela rememoração como pelo esquecimento”. Assim, tanto o discurso como o não dito são fundamentais para a construção do presente. A memória é seletiva, e “dá presença” a determinados eventos, que possuem significados em determinados contextos (WOORTMANN, 2000).

A pesquisa teve, como unidade de análise, o Morro da Caixa d'Água, mais conhecido apenas como Morro da Caixa, no município de Tubarão. Ainda que não possamos apresentar uma definição única e precisa, podemos entender os bairros como espaços da sociabilidade, “onde se manifesta um ‘engajamento’ social ou, noutros termos: uma arte de conviver com parceiros (vizinhos, comerciantes) que estão ligados

a você pelo fato concreto, mas essencial, da proximidade e da repetição” (MAYOL, 2009, p. 39).

As relações de reciprocidade entre os moradores de um bairro podem ser tomadas em seus sentidos positivo e negativo. Isso abarcaria tanto relações de trocas e os intercâmbios (de favores, bens, serviços etc.), no sentido positivo, como também o das guerras, vinganças, sequestros, em seu sentido negativo (CLASTRES, 1980). É a partir desta perspectiva que a unidade social não existe apenas a partir da ausência de conflitos. Ao contrário, o conflito seria um mediador das relações em uma estrutura social (GLUCKMAN, 1986).

Segregação socioespacial e gentrificação

É no território que se manifestam relações sociais hierarquizadas (SANTOS, 1996). Autores como Velho (2002) mostram a ligação de alguns bairros com determinadas camadas ou *status* social, o que também pode ser verificado no município de Tubarão: na maioria dos bairros, concentram-se mais moradores de determinada camada social. De acordo com Velho (2002), esta hierarquia entre bairros se concretiza apenas em sociedade onde há uma acentuada identificação entre local de residência e prestígio social.

No Morro da Caixa, após a enchente de 1974, esta segregação espacial foi parcialmente modificada, pois famílias de camadas médias e altas e de camadas populares passaram a co-habitar o mesmo bairro. Neste sentido, parece relevante entender o bairro através da oposição englobante-englobado, que preside a relação entre o conjunto e elemento, na qual Dumont (1997) define a hierarquia. Segundo o autor, as relações hierárquicas se apresentam em níveis diferenciados, havendo, num primeiro momento, identidade entre os elementos e, no seguinte, diferença ou oposição entre eles. Assim, o Morro da Caixa seria representativo das contradições sociais que se verifica no município de Tubarão de uma forma mais ampla.

Convivendo com os moradores, percebia-se que muitos deles não se referiam ao lugar onde residem como Morro da Caixa. Vários de seus habitantes dizem que moram na continuação do bairro de Oficinas, que é ao lado. Quando fornecem o endereço, informam apenas o nome da rua. Explicaram-me também que ali não há uma caixa d'água da empresa de abastecimento do município, mas que esta caixa está localizada no Fábio Silva, bairro vizinho, e que, por essa razão, não há sentido em dizer que

moram no Morro da Caixa. É interessante perceber, nas explicações dos moradores, que o bairro está negativamente associado a um lugar de famílias pobres e de negros. Frequentemente adotam uma posição de defesa ao se referirem ao bairro.

Tem gente que é muito bairrista. Me falavam: você vai morar no Morro? Mas aqui nunca ninguém mexeu em nada. Uma quadrilha foi presa por roubo em um prédio em Oficinas. (Marisa, 42 anos)

Falavam para mim que o bairro não era bom, que era o lugar de gente malencarada. Mas não importa o lugar. O que importam são as pessoas. (Isabel, 67 anos)

Em uma das visitas ao bairro, ouvi uma de minhas interlocutoras falar a uma conhecida que passava de bicicleta: “Não te vi mais. Só passa agora na rua dos ricos?” O comentário chamou-me a atenção. A senhora me explicou que chama as ruas pavimentadas, onde ficam as melhores casas, das camadas médias, de “rua dos ricos”. Já o lugar onde mora, de chão batido, e de casas mais simples, é a “rua dos pobres”. A filha desta senhora disse-me que “muita gente tem medo de passar por ali”. A existência destas duas ruas mostra que, apesar de indivíduos de classes sociais distintas habitarem a mesma localidade, persiste uma segregação espacial entre estes moradores.

Ainda que haja atitudes discriminatórias contra os moradores do Morro da Caixa, e que muitos se refiram ao local onde moram como Morro, alguns interlocutores relataram que houve uma diminuição desta discriminação. Esta percepção das mudanças foi relatada pelos residentes mais antigos. De acordo com as palavras destes moradores, o Morro da Caixa era visto como uma “favela”, o que significava que era considerado lugar de residência de pessoas pobres e *locus* da criminalidade. Eles contam que “até para conseguir emprego era difícil”, referindo-se às desconfianças que seus habitantes enfrentavam em outras localidades de Tubarão.

Os relatos destes moradores mais antigos retratam que o Morro era visto com indiferença pelos demais habitantes do município: “Era como se o Morro não existisse. Ninguém dava valor”, contou-me Maria, de 84 anos, que mora no mesmo local desde que nascera. Joana, de 64 anos de idade, moradora do Morro há 40 anos, afirmou que “ninguém subia o Morro. Só mesmo quem morava lá, e tinha a necessidade de ir. Muita gente tinha medo”.

De acordo com os participantes da pesquisa, as representações negativas sobre o Morro da Caixa teriam mudado após a enchente. A vinda de moradores de classes mais elevadas para a localidade fora acompanhada pelo aumento da infraestrutura, como luz

elétrica (que até a inundação não havia na comunidade), iluminação pública, rede de esgoto e pavimentação nas ruas.

O aumento da procura por imóveis para vender e alugar na localidade tem sido percebido por moradores que vivem no local desde antes da enchente de 1974:

Esses dias passou uma senhora de carro perguntando se tinha alguma casa para comprar, porque ela queria morar aqui. Eu fiquei pensando: meu Deus, agora tem gente que quer morar no Morro! Que mudança! (Silvana, que vive na localidade há 35 anos)

Você pode perceber que já não tem mais espaço para construir. Não tem mais terreno vazio. Está tudo ocupado. Antes tinha muito espaço. Ninguém queria morar aqui. Morava porque precisava, por necessidade. (Marlene, moradora do Morro há 42 anos)

Esta procura de residências no Morro da Caixa também foi acompanhada por uma valorização imobiliária. Todos os entrevistados pela pesquisa, que residem no Morro desde antes da enchente de 1974, garantem que não conseguiriam adquirir um imóvel no local atualmente. Neste sentido, o depoimento de Ana é bastante representativo: “Eu moro onde meus pais moraram a vida inteira. Antes ninguém queria morar aqui. Agora, para comprar uma casa aqui, só mesmo rico”.

Os interlocutores da pesquisa não temem novas enchentes em Tubarão, pois sentem-se seguros morando em uma região mais elevada, apesar da proximidade do rio. Este sentimento de segurança é exemplificado pela fala de George, 52 anos, morador do morro desde seu nascimento: “se a água chegar até aqui, é porque aí é o fim do mundo. Seria como aquele filme sobre o dilúvio”.

Apesar de relatarem a presença do tráfico de drogas, os moradores não demonstram medo ou sensação de insegurança: “a gente não mexe com eles, eles não mexem com a gente”. “Esses dias, eu passei por eles, pedi licença e eles disseram: claro, tia!” Para estes moradores, os estreitos laços de vizinhança torna o lugar mais seguro: “aqui todo mundo se conhece. Quando tem uma pessoa estranha, a gente logo sabe que não é daqui”.

Este sentimento não é compartilhado por moradores de maior poder aquisitivo. Muros altos, grades nas janelas, cercas elétricas e cães de guarda demonstram as tentativas destes moradores de evitarem furtos e assaltos. Uma das pessoas ouvidas durante a pesquisa, um bancário aposentado, proprietário de terrenos no alto do morro, afirmou que ainda não construía sua casa por temer pela insegurança do local. Ele

afirmou que comprara o terreno na localidade por temer uma nova enchente no município. Quando há um período prolongado de chuvas, ele e a esposa vão para o apartamento que possuem no município de Laguna, a cerca de 30 quilômetros de Tubarão. Segundo o casal, desde a enchente, “a cidade não trabalhou”, referindo-se ao fato de não haverem ações e políticas específicas para a prevenção de novos desastres decorrentes de inundações no município.

As famílias mais abastadas vivem em casas que se assemelham aos *enclaves fortificados* – termo cunhado por Caldeira (2000) para definir tipos de moradias, principalmente condomínios fechados, construídas tendo como princípios básicos a segurança, o isolamento, a homogeneidade social, equipamentos e serviços. As casas com muros e grades, e monitoradas por câmeras de segurança e empresas especializadas demonstram as tentativas dos moradores de imporem regras de inclusão e exclusão naquele espaço, através de barreiras físicas. Torna-se uma nova forma de segregação espacial, distanciando-se de outros moradores de classes sociais com menor poder aquisitivo (CALDEIRA, 2000).

Além das tentativas de se precaverem contra roubos e assaltos, estes moradores de camadas altas e médias tentam se distanciar das relações de pessoalidade que cercam o bairro. De acordo com os moradores de camadas populares, lá “todo mundo se conhece”. Sabe-se o nome, em que casa mora, quem são os pais, a profissão. Ouvi várias vezes comentários entre vizinhas sobre pessoas que passavam nas ruas. Tentavam descobrir onde moravam, de quem eram filhos ou parentes, e o que estavam fazendo ali. Isso aconteceu com minha presença constante no bairro. Enquanto andava pelas ruas, moradores me cumprimentavam e faziam-me perguntas. As relações são marcadas pela pessoalidade, uma situação semelhante à encontrada por Prado (1987) na cidade de Cunha, interior de São Paulo, que conclui que “o reconhecimento é, portanto, algo básico nesse sistema; reconhecimento no sentido de saber-se quem é quem. E, em paralelo com isso, a confiança, na medida que todos são identificados, ou rapidamente identificáveis, pela relação com alguém” (PRADO, 1987, p. 52).

Esta situação é semelhante ao que DaMatta descreve em relação a pequenas cidades. De acordo com o autor, a expressão “você sabe com quem está falando?”, que expressa as relações hierárquicas e autoritárias nas sociedades brasileiras, não faz sentido. Segundo o autor, em cidades pequenas, “o anonimato não existe”. “O mesmo ocorre em sociedades tribais onde a posição numa família, o fato de se possuir um certo

conjunto de nomes ou de se pertencer a uma dada linhagem já definem a pessoa como tendo certas prerrogativas sociais” (DAMATTA, 1997, p. 70).

Estas relações de reconhecimento mútuo e de maior proximidade chocam-se com as tentativas das famílias de camadas médias de busca de maior privacidade. Estas situações podem ser exemplificadas pelas formas diferenciadas que as famílias de classes sociais diferentes criam e socializam seus filhos. Fátima também não gosta que o neto de nove anos que ela cria desde bebê para que a filha possa trabalhar “brinque com outras crianças do Morro da Caixa”. A criança está sempre próxima a ela. Fátima não presenteou o neto com uma bicicleta com receio de que ele “suba o Morro”: “Prefiro que ele desça”, o que significa ir em direção ao centro. Segundo a dona-de-casa, o contato com outras crianças do bairro poderia levar o menino a adquirir “maus comportamentos”, como “falar palavrão”, “fumar cigarro”, “beber (bebida alcoólica)”. Além disso, há o perigo dos “ajuntamentos”, que é o agrupamento de jovens nas ruas, que geram a “bagunça”. Os “ajuntamentos” são vistos negativamente. Alguns moradores diziam-me para evitar passar por grupos de rapazes, porque estes podiam “mexer” comigo.

Nas camadas mais populares, ao contrário, as crianças têm maior liberdade para andar e brincar na rua. Para a avó, sua neta deve brincar fora de casa. “Criei todos os meus filhos na rua, e nunca aconteceu nada. Estão aí todos fortes”. Ela acredita que, na rua, as crianças adquirem mais força e aprendem a se defender dos possíveis perigos.

Estas mudanças que emergem a partir desta apropriação do risco podem ainda ser percebidas por meio de um processo de gentrificação que vêm ocorrendo no Morro da Caixa, já que o local passou a ser habitado por moradores de maior capital econômico. Percebe-se aqui um efeito indireto entre a produção capitalista e a produção social do risco (BECK, 2006). No início da etnografia, em 2007, foram percebidos dois fatos importantes no Morro da Caixa, em dias próximos: a abertura de um supermercado há poucos metros do Morro, no bairro Oficinas, e o fechamento da verdureira do Seu João, pequeno mercado que vendia frutas e verduras. Segundo relatos de moradores, outros pequenos mercados fecharam em épocas recentes no bairro, como uma padaria e uma outra verdureira.

Este processo é definido aqui como gentrificação, por se tratar de um conjunto de processos de mudanças sociais, econômicas e físicas (HAMNET, 1991). Entretanto, não se trata de um esquema clássico do fenômeno. A gentrificação não está restrita à construção de casas ou condomínios, pois também pode ser percebida no aumento da

oferta de comércio, serviços e comércio, alterando a paisagem urbana para atrair possíveis consumidores. Como afirma Smith (2007, p. 73): “a gentrificação produz agora paisagens urbanas que as classes médias e médias altas podem consumir... e que contribuem para a formação de identidades de classe através de um espectro de classes significativo, ainda que de maneiras muito diferenciadas.” Segundo Bidou-Zachariassen (2006), bairros gentrificados podem se inserir em novos processos de crescimento.

Este novo crescimento, percebido pelo fechamento dos pequenos mercados, representa também a mudança no modo de consumo dos moradores locais. Nos pequenos mercados, havia certas relações de pessoalidade que havia entre quem comprava e quem vendia os alimentos. Dona Maria das Dores tem uma padaria no bairro há 30 anos. O marido é padeiro. Eles moram na casa que fica aos fundos da loja. No atendimento dos clientes, trabalham duas sobrinhas adolescentes da dona. Em troca, recebem material escolar, roupas e fazem as refeições no próprio lugar. As duas sobrinhas se alternam no trabalho de acordo com o turno na escola: uma atende no balcão à tarde, e estuda pela manhã, enquanto a outra estuda à tarde e trabalha pela manhã. Os clientes são todos conhecidos por Dona Maria das Dores. É muito comum a compra a fiado, mas apenas entre aqueles que a proprietária permite. Estas relações baseadas na pessoalidade e na confiança não se encontram em supermercados. Nestes, dificilmente os clientes têm contato com o dono do estabelecimento no momento da compra são sempre atendidos por funcionários e o pagamento é feito com dinheiro, cartão bancário ou cheques, mas estes com a apresentação de documentos e informações extras, como o número de telefone.

Ortiz descreve este mesmo processo na França citando o trabalho de Chombart de Lauwe sobre o cotidiano de famílias operárias. Este autor percebe que estas famílias costumam fazer compras em pequenas quantidades em comércios próximos a suas casas. “Presta-se menos atenção aos preços e à qualidade dos produtos do que na familiaridade do lugar ou na simpatia do dono da loja. Dito em jargão sociológico, as relações pessoais predominam sobre as impessoais” (ORTIZ, 1994, p. 83-4).

Considerações finais

O conceito de evento crítico, concebido por Veena Das, parece adequado para analisar as mudanças ocorridas na localidade do Morro da Caixa após a enchente de 1974. Antes concebido como local de moradia de “pobres e negros”, o local passou a

receber moradores de camadas sociais mais abastadas nas décadas seguintes. Percebe-se, no entanto, que apesar de habitarem na mesma localidade, houve uma reprodução da segregação espacial que pode ser observada no município de Tubarão de forma mais ampla, retratada por alguns moradores como “rua dos pobres” e “rua dos ricos”. Observa-se também que este movimento de pessoas com maior poder aquisitivo para o Morro da Caixa deu origem a um processo de gentrificação no local, através das mudanças no mercado e do aumento do valor das propriedades. Neste sentido, podemos entender que os desastres não apenas destroem, mas também transformam contextos a longo prazo (BANKOFF, 2007).

Como parte da memória e da imaginação da população do município de Tubarão – tanto daqueles que vivenciaram a enchente quanto daqueles que não a vivenciaram, acredita-se que este evento crítico ainda pode ter impactados outros aspectos, além da configuração socioespacial de localidades da cidade, que merecem ser analisados por pesquisas futuras.

Referências

BANKOFF, G. Comparing vulnerabilities: toward charting an historical trajectory of disasters. **Historical Social Research**, v. 32, n. 3, p.103-114, 2007. Disponível em: http://www.ssoar.info/ssoar/bitstream/handle/document/6271/ssoar-hsr-2007-no_3_no_121-bankoff-comparing_vulnerabilities.pdf?sequence=1. Acesso em: 20 out. 2015.

BECK, Ulrich. **La sociedad del riesgo: hacia una nueva modernidad**. Barcelona: Paidós, 2006.

BIDOU-ZACHARIASEN, C. (Org.). **De volta à cidade: dos processos de gentrificação às políticas de “revitalização” dos centros urbanos**. São Paulo: Annablume, 2006.

BOSI, E. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: T.A. Queiroz, 1979.

CALDEIRA, T. P. R. **Cidade de Muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo**. São Paulo: Edusp, 2000.

CLASTRES, P. **Recherches d’antropologie politique**. Paris: Éditions du Seuil, 1980.

CONFALONIERI, U. E. C. Variabilidade climática, vulnerabilidade social e saúde no Brasil. **Revista Terra Livre**, São Paulo, ano 19, v. 1, n. 20, p. 193-2004. jan./jul.2003.

DAMATTA, R. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DAS, V. **Critical Events: An Anthropological Perspective on Contemporary India.** New Delhi: Oxford University Press, 1995.

DUMONT, L. **Homo Hierarchicus: o sistema das castas e suas implicações.** 2. ed. São Paulo: EDUSP, 1997.

GLUCKMAN, M. Análise de uma Situação Social na Zululândia Moderna. FELDMAN BIANCO, B. (Org.). **Antropologia das Sociedades Complexas.** São Paulo: Ed. Global, 1986.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva.** São Paulo: Vértice, 1990.

HAMNET, C. The blind men and the elephant: the explanation of gentrification. **Transactions of the Institute of British Geographers**, New Series, Vol. 16, n. 2, 1991.

JENA, S. K. **Disaster: need for a sociological intervention.** Jawaharlal Nehru University. New Delhi - 67, jan-jul. 2004. Disponível em: <http://www.geocities.com/husociology/disaster4.htm>. Acesso em: 14 maio 2014.

MAYOL, P. Morar. CERTEAU, M., GIARD, L. y MAYOL, P. **A invenção do cotidiano 2: morar, cozinhar.** Petrópolis: Vozes, 2009.

ORTIZ, R. **Mundialização e Cultura.** 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

PRADO, R. **Mulher de Novela e Mulher de verdade: Estudo sobre cidade pequena, mulher e telenovela.** Dissertação (Mestrado). UFRJ. Museu Nacional, Rio de Janeiro, 1987.

QUARANTELLI, E.L. Introduction: the basic question, its importance, and how it is addresses in this volume. QUARANTELLI, E.L (ed). **What is a disaster?** Perspective on the question. London and New York: Routledge, 1998. p. 1-8.

QUARANTELLI, E. L. **An Agent Specific or An All Disaster Spectrum Approach to Socio-Behavioural Aspects of Earthquakes?** Preliminary Paper n. 69, 1981. University of Delaware, Disasters Research Center. Disponível em: <http://dspace.udel.edu:8080/dspace/bitstream/19716/441/3/PP69.pdf>>. Acesso em: 03 maio 2014.

RIBEIRO, Manuel João. Sociologia dos desastres. **Sociologia – Problemas e Práticas.** N. 18, 1995. p. 23-43.

SANTOS, M. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção.** São Paulo: Hucitec, 1996.

SMITH, N. Gentrificação, a fronteira e a reestruturação do espaço urbano. **GEOUSP - Espaço e Tempo**, 21, p. 15 – 31, 2007.

THORNBURG, A. et al. Disaster and Deritualization: a re-examination of Early Disaster Research. **100 th Annual Meeting of the American Sociological Association**,

Philadelphia, 2005. Disponível em:
http://www.allacademic.com/meta/p21712_index.html Acesso em: 03 maio 2014.

VELHO, G. **A utopia urbana**: um estudo de antropologia social. 6a. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

WOORTMANN, E. F. Identidades e Memória entre Teuto-Brasileiros: os dois lados do Atlântico. **Horizontes Antropológicos**, ano 6, nº 14, 2000.